

MICROSCÓPIO

Ninguém pode obscurecer o grande papel histórico que Franklin Roosevelt está desempenhando. E' certamente um grande homem, ao qual muito já está devendo a humanidade. Mas o pesado sacrificio a que êle se está dispondo novamente, por simples obediência — como o disse — ao seu comandante-chefe, o povo americano, parece-me excessivo e desarrazoado, ainda mesmo para um grande homem como êle.

A sua tarefa máxima, a sua tarefa hercúlea, já está cumprida: com uma consumada habilidade, que consistia em negar com palavras o que ia realizando com atos, preparou material e psicologicamente o pais para esta guerra de salvação comum da humanidade. E, agora, já se acha a guerra no fim, com a vitória a despontar. Nada, pois, obrigaria Franklin Roosevelt a persistir no sacrificio de governar a nação (que sacrificio se diz êsse).

Maior que tudo é, porém, a vocação do ilustre estadista para o martirio cívico. Maior, até, que a tradição legada por Washington, já uma vez róta e agora em verdade pulverizada.

O grande fundador da independencia americana tambem teria poderosos motivos para aceitar a segunda reeleição: tratava-se de uma nacionalidade nascente, sujeita ainda a muitos perigos e que não poderia dispensar, por isto, a tutela do seu defensor. Entretanto, muito mais pesaram no seu espirito os perigos remotos, mas fundamentais, do que as conveniencias atuais e secundárias. Recusou a reeleição, como recusara antes a coroa.

Entre Washington e Roosevelt, eu não posso ter hesitações: fico com o primeiro, que, repelindo a terceira investidura, prestou maior serviço à pátria, do que os que poderia prestar no exercicio do novo mandato.

Objetar-se-á, talvez, que, dado o atual vigor da democracia norte-americana, não terá repercussão desastrosa a ruptura da praxe washingtoniana. E' possível. Mas o mau exemplo proliferará fatalmente, com a força das ervas daninhas, nas repúblicas latino-americanas, onde, com tão alto patrocinio, tambem não hão de faltar patriotas, dispostos a arrostar o sacrificio com o mesmo sorriso nos lábios.

RAUL PILLA

15-7-44